



OPINION OF UNDERGRADUATE STUDENTS OF PEDAGOGY ON THE IMPORTANCE OF SEXUAL EDUCATION IN THE SCHOOL

OPINIÃO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

LA OPINIÓN DE LOS ESTUDIANTES DE PEDAGOGÍA CON RESPECTO A LA IMPORTANCIA DE ENSEÑAR EDUCACIÓN SEXUAL EN LA ESCUELA

Andre Estevam Jaques¹, Ingrid Mayara Almeida Valera², Alan Henrique De Lazari³, Suellen Marcelo Zolin⁴, William Rodrigues de Araújo Zaramello⁵, Franciele de Souza Dantas⁶

ABSTRACT

Objective: identify the opinion of students of pedagogy course on sexual orientation at school. **Method:** descriptive study, quantitative, consisting of 107 undergraduate student at Pedagogy at a university in northwest Paraná. The inclusions criteria in the survey were: to be an undergraduation student at Pedagogy and to agree to voluntarily participate at the study and as exclusions criteria were: the absence in the classroom during the questionnaire application and refusal at participate in the survey. For data collection, after appreciation by Ethics Committee in Research of Universidade Paranaense - UNIPAR, under protocol nº 19706/2011 and CAAE nº 0380.0.375.000-10, by signing the Free and Informed Consent Form(FICF), a questionnaire composed of two parts was used: the first consisted on academic socio-demographic data; the second considered the views of scholars on sexual orientation at school. The data were organized and shown in absolute and relative frequency, tabulated at Microsoft Excel® spreadsheet version 2010 and analyzed with support of relevant literature. **Results:** from analysis of data it could be observed that the participants agree that sexual orientation in schools is important for children and young people and, therefore, should be mandatory in school domains. They understand that the discussions on the subject does not encourage early sexual behavior and not just attribute to family and biology teachers the responsibility to bring up the topic. They argue that sexual orientation in schools corresponds to a effective instrument in preventing STDs and in reducing abortion, and disagree that the information provided by the media could to replace the school in the construction of sexuality of their students. **Conclusion:** it can be conclude that the school is considered the propitious space for discussions about sexuality in its many facets. **Descriptors:** sexuality; sexual behavior; teaching.

RESUMO

Objetivo: identificar a opinião de estudantes do curso de pedagogia sobre a orientação sexual na escola. **Método:** estudo descritivo e de natureza quantitativa, constituído por 107 estudantes de pedagogia de uma universidade no noroeste do Paraná-PR. Foram critérios de inclusão para este estudo, ser estudante regularmente matriculado no curso e aceitar em participar voluntariamente do estudo; e como critério de exclusão, não estar presente na sala de aula durante a aplicação do questionário, o qual foi constituído de duas partes: a primeira tratava dos dados sociodemográficos do estudante; a segunda abordava a opinião dos estudantes sobre a orientação sexual escolar. Para isso, o projeto de pesquisa foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Paranaense/UNIPAR, sob protocolo nº 19706/2011 e CAAE nº 0380.0.375.000-10, e mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, os dados foram organizados e apresentados em frequência absoluta e relativa, tabulados com a planilha do programa Microsoft Excel® versão 2010 e analisados com suporte da literatura. **Resultados:** os participantes concordaram que a orientação sexual nas escolas era importante para crianças e jovens e que, portanto, deveria ser obrigatória. Compreenderam que as discussões sobre o tema não estimulavam sobre o comportamento sexual precoce e não atribuíram apenas à família e aos professores de biologia a responsabilidade de dialogar sobre a temática. Consideraram que a orientação sexual nas escolas correspondia a um instrumento eficaz na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e na redução do aborto provocado, além de discordarem que as informações disponibilizadas pelas mídias pudessem substituir a escola na construção do exercício da sexualidade responsável e calcada em escolhas mais acertadas dos alunos. **Conclusão:** a escola foi considerada o local propício para as discussões sobre sexualidade nas mais variadas facetas. **Descritores:** sexualidade; comportamento sexual; ensino.

RESUMEN

Objetivo: identificar la opinión de los estudiantes del curso de graduación en pedagogía sobre la orientación sexual escolar. **Método:** estudio descriptivo y de naturaleza cuantitativa, constituido por 107 académicos de pedagogía de una universidad en el noroeste del Estado de Paraná. Los criterios de inclusión eran, ser estudiante regular matriculado en el curso, estar de acuerdo en participar voluntariamente del estudio y como criterios de la exclusión, no estar presente en el aula mientras se aplicaba el cuestionario. Para colecta de datos, después de apreciación por el Comité de Ética en Investigación de la Universidad Paranaense - UNIPAR bajo el protocolo 19706/2011 y CAAE 0380.0.375.000-10, y mediante firma del Acuerdo de Consentimiento Libre y Esclarecido, se utilizó un cuestionario constituido de dos partes: la primera trataba sobre los datos socio-demográficos del académico; la segunda abordaba la opinión de los académicos sobre la orientación sexual escolar. Los datos fueron organizados y presentados en la frecuencia absoluta y relativa, con el programa de hoja de cálculo Microsoft Excel® versión 2010 y se analizaron con el apoyo de la bibliografía pertinente. **Resultados:** a partir del análisis de los datos se observó que los participantes concuerdan que la orientación sexual en las escuelas es importante para niños y jóvenes y que, por lo tanto, debe ser obligatoria en el espacio escolar. Ellos comprenden que las discusiones sobre el tema no estimulan el comportamiento sexual precoz y no atribuyen apenas a la familia y a los profesores de biología la responsabilidad de abordar la temática. Consideran que la orientación sexual en las escuelas corresponde a un instrumento eficaz en la prevención de ETS (Enfermedades Transmitidas Sexualmente) y en la reducción del aborto provocado, además de no concordar con que las informaciones hechas disponibles por los medios puedan sustituir a la escuela en la construcción de la sexualidad de sus alumnos. **Conclusión:** se concluye que la escuela es considerada el local propicio para las discusiones sobre sexualidad en sus más variadas facetas. **Descriptores:** sexualidad; comportamiento sexual; enseñanza.

¹Enfermeiro Professor do Curso de Enfermagem e Orientador do Programa de Iniciação Científica (PIC) da Universidade Paranaense - UNIPAR de 2011. Doutorando em Ciências pelo Programa de Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/EERP/USP. Ribeirão Preto (SP), Brasil. E-mail: aejk2002@yahoo.com.br; ²Graduanda em Enfermagem pela Universidade Paranaense/UNIPAR e orientanda do PIC/UNIPAR de 2011. Umuarama (PR), Brasil. E-mail: ingrid_imav@hotmail.com; ³Graduando em Enfermagem pela Universidade Paranaense - UNIPAR e orientando do PIC/UNIPAR de 2011. Umuarama (PR), Brasil. E-mail: alan.delazari@hotmail.com; ⁴Graduanda em Enfermagem pela Universidade Paranaense - UNIPAR e orientanda do PIC/UNIPAR de 2011. Umuarama (PR), Brasil. E-mail: suellenzolin@yahoo.com.br; ⁵Graduando em Enfermagem pela Universidade Paranaense - UNIPAR e orientando do PIC/UNIPAR de 2011. Umuarama (PR), Brasil. E-mail: williamzaramello@hotmail.com; ⁶Graduanda em Enfermagem pela Universidade Paranaense - UNIPAR e orientanda do PIC/UNIPAR de 2011. Umuarama (PR), Brasil. E-mail: fran.0809@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As discussões acerca da sexualidade humana, assim como outras sobre assuntos correlatos, sempre foram restritas ao ambiente escolar. Porém, devido à disseminação das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), ao número crescente de gravidez precoce e epidemia da AIDS, algumas das abordagens tradicionais sobre a sexualidade foram revistas no contexto biológico e ampliadas para os campos: social, cultural e de promoção da saúde.¹

É importante ressaltar que a orientação sexual no contexto escolar vai muito além de estabelecer parâmetros quanto ao que se determina por masculino ou feminino, hetero ou homossexualidade; surge como ferramenta que deve ser capaz de extinguir preconceitos e esclarecer sobre os tabus que ainda persistem na sociedade.¹

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) legitimam a inclusão da orientação sexual nas escolas como um direito dos alunos e dever dos educadores. Discutir todos os aspectos da sexualidade com crianças e jovens proporciona-lhes a possibilidade de vivência saudável e consciente de sua própria sexualidade.²

A orientação sexual na escola também está no Projeto de Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), lançado pelo Ministério da Saúde em 2004, e que tem como principal finalidade incitar as escolas a criarem projetos sobre sexualidade de maneira ampla e sem preconceitos, visa promover a criação de diálogos entre professores, alunos e pais, integrando-lhes ao projeto e lhes desenvolvendo trabalhos com atenção especial à promoção da saúde e à orientação dos alunos, visando a formação de adultos responsáveis e críticos.³

No entanto, salienta-se que a orientação sexual na escola é um processo longo e complexo, que necessita de planejamento rigoroso quanto à abordagem, possibilitando um espaço capaz de fornecer reflexões sobre as concepções de cada ser humano. A principal intenção é fazer com que a sexualidade seja vivenciada da maneira mais prazerosa e natural quanto possível; afinal, orientar para o exercício da sexualidade em escolas é muito importante, à medida que estimula os jovens a descobrirem suas características, bem como no desenvolvimento de identidade, da autoestima e do corpo.⁴

Para tanto, o educador deve saber comparar as diferentes abordagens direcionadas a sexualidade pela ciência e pela mídia - por meio de atividades didáticas e artísticas - a fim de refletir e discutir, por exemplo, sobre o padrão estético e sexual imposto pelos meios midiáticos.²

Uma das razões que contribuem para que a sexualidade seja uma temática silenciada nas escolas é o fato de que os professores, quando graduandos, possivelmente não tiveram formação adequada sobre o tema ou talvez tenham dificuldade diante de sua própria sexualidade.⁵

Portanto, os profissionais envolvidos nos processos educativos devem estar preparados para trabalhar esse assunto em sala de aula, inclusive no que tange a sua disposição para aceitar e contextualizar os valores e comportamentos expressos pelos educandos, mesmo que sejam contrários aos seus valores pessoais, não revelando conceitos particulares do que é certo ou errado, mas utilizando bases científicas para ajudar na formação de conceitos sobre a sexualidade dos alunos.²

A postura do educador perante a sexualidade faz grande diferença e contribui para o sucesso do aluno na busca de respostas, a partir de sua atuação, o professor pode incentivar a reflexão crítica e coerente dos alunos.⁶

OBJETIVO

- Identificar a opinião de estudantes de pedagogia em relação à orientação sexual na escola.

MÉTODO

A pesquisa desenvolvida foi de caráter descritivo e de natureza quantitativa. A população-alvo foi constituída por 147 estudantes do curso de Pedagogia de uma universidade no Estado do Paraná, a amostra calculada foi de 107 estudantes. Assim, utilizou-se o processo de amostragem aleatória simples para escolher os sujeitos que participariam da pesquisa. A coleta de dados foi realizada no período de 01 de abril a 30 de maio de 2011.

Foram critérios de inclusão na pesquisa, ser estudante regularmente matriculado no curso e aceitar participar voluntariamente do estudo e como critério de exclusão, não estar presente na sala de aula durante a aplicação do questionário ou não concordância na participação da pesquisa.

Os dados foram coletados após a

apreciação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Paranaense - UNIPAR, de acordo com o CAAE nº 0380.0.375.000-10, recebendo parecer favorável para sua publicação sob Protocolo nº 19706/2011, e mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respeitando os preceitos éticos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.⁷

A coleta de dados ocorreu no horário de aula dos estudantes após prévia autorização da coordenação do curso com anuência da Direção do Campus. Inicialmente, os estudantes foram esclarecidos com relação aos objetivos da pesquisa, sua participação voluntária, garantia do sigilo das respostas e de anonimato.

Em seguida, foi aplicado o questionário dividido em duas partes: a primeira tratava os dados sócio-demográficos do estudante, e a segunda abordava questões sobre orientação sexual, ferramenta adaptada do Questionário de Avaliação de Atitudes face à Educação Sexual (QAAPES).⁸

Os dados foram organizados e apresentados em frequência absoluta e relativa, tabulados com a planilha do programa Microsoft Excel® versão 2010, e analisados com suporte da literatura pertinente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 107 estudantes do curso de Pedagogia, sendo que 96,3% eram do sexo feminino e 3,7% do masculino. Verificou-se que a faixa etária variou entre 18 e 40 anos e 45,8% eram do 1º ano; 32,7% do 2º e; 21,5% do 4º. No ano letivo de 2011 não havia alunos do 3º ano do curso; mais de 85% dos estudantes eram solteiros e 78,5% assumiram o catolicismo como crença religiosa.

Quando questionados sobre a importância da orientação sexual escolar para crianças e jovens, 60 (56,0%) concordaram; 40 (37,3%) concordam totalmente; 6 (5,6%) nem concordaram e nem discordaram, e apenas 1 (0,9%) discordou.

A sexualidade faz parte do contexto escolar e deve ser vista como dimensão ontológica, essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas em sua totalidade.⁹ Logo, falar sobre sexualidade é referir-se a sentimentos, emoções e afetos fundamentais no desenvolvimento e na vida.¹⁰

A escola é um local propício para o desenvolvimento pleno de crianças e jovens, à medida que auxilia a compreensão do emaranhado de informações que visam a

formação do conhecimento, inclusive sobre as questões sexuais, criando espaço para a discussão sobre a temática sexualidade.¹¹

O trabalho de orientação sexual contribui para ampliar os conceitos sobre sexualidade, que, na maioria das vezes, está atrelado apenas ao sexo, possibilitando a construção da visão positiva sobre a sexualidade. Dessa forma, favorece aos alunos o desenvolvimento de comunicação clara nas relações interpessoais, a elaboração de valores próprios a partir de pensamento crítico, a compreensão do seu comportamento e os comportamentos de outrem, e a tomar decisões responsáveis. Além disso, se o indivíduo é envolvido num diálogo aberto sobre sexualidade desde a infância, terá condições de atitudes conscientes, contribuindo para a preservação de seu bem-estar na vivência da sexualidade, livre de medos e angústias.¹¹

Orientar na perspectiva do exercício da sexualidade responsável é oferecer informações fidedignas, problematizar, questionar e promover a ressignificação das informações e valores exibidos pela sociedade no decorrer da vida de cada criança ou jovem. Implica em mediação de conhecimento fundamental, considerando as necessidades e as possibilidades dos alunos enquanto sujeitos de processo contínuo, que é a busca de nova visão de suas experiências, conceitos e atitudes.⁶

Questionados se a orientação sexual nas escolas estimulava o comportamento sexual precoce, 49 (45,7%) discordaram; 17 (15,8%) discordaram totalmente; 29 (27,1%) nem concordaram nem discordaram; 11 (10,2%) concordaram, e apenas 1 (0,9%) concordou totalmente.

O exercício da sexualidade precoce não permite que a criança a vivencie em suas experiências lúdicas, que constituem os alicerces para o desenvolvimento da criatividade e das relações afetivas. Na infância, uma criança erotizada, influenciada principalmente pelos meios televisivos, poderá centrar sua afetividade para a sexualidade e, mais tarde, na adolescência, poderá agir de forma precipitada e até desviante ou doentia com as questões sexuais, gerando prejuízos que poderão acompanhá-la por toda vida.¹²

A importância do papel da escola, enquanto orientadora para as questões que envolvem a sexualidade é inegável, uma vez que influencia na integralidade da formação da criança e do jovem.¹³ A precocidade da

iniciação sexual entre adolescentes gera preocupações, pois na grande maioria das vezes ocorre sem qualquer cuidado, devido a falta de conhecimentos sobre concepção, DSTs e uso de contraceptivos.¹¹

Todavia, em estudo realizado com quase cinco mil jovens em três capitais brasileiras (Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador), observou-se que a iniciação sexual do adolescente ocorre um pouco mais tarde, em média por volta dos 16,7 anos, entre os homens que tiveram um prolongamento da escolaridade. Entre os menos escolarizados, a idade média é de 15,8 anos. Entre as mulheres, a variável escolaridade age de maneira ainda mais significativa do que entre os homens. De acordo com a pesquisa, as mulheres que pararam seus estudos antes de completar o nível fundamental iniciaram a vida sexual por volta dos 16,3 anos, enquanto que as que prosseguiram com os estudos somente aos 18,6 anos. A pesquisa citou ainda outros parâmetros, além da escolaridade, que interferem na idade de iniciação sexual, como renda familiar, religião dos pais, história familiar, mobilidade religiosa, idade do primeiro emprego ou do primeiro namoro.¹⁴ Consolida-se, portanto, o fato de que, entre os jovens que receberam orientação sexual, houve a prorrogação da iniciação sexual.¹⁵

A orientação sexual, quando realizada adequadamente, por meio de programas, projetos e ações educativas continuadas, não estimula o comportamento sexual precoce, mas prepara a criança e o jovem para a vida.¹⁶

Quanto à questão sobre o exercício da sexualidade ser aprendido ao longo da vida e não na escola, 34 (31,7%) responderam que discordam; 34 (31,7%) nem concordaram e nem discordaram; 27 (25,2%) concordaram; 08 (7,4%) discordaram totalmente, e 04 (3,7%) concordaram totalmente.

Esses dados demonstraram que os pesquisados reconhecem, em sua grande maioria, a importância do espaço escolar para a formação da sexualidade de crianças e jovens, embora seja possível observar, também, que parcela significativa dos estudantes tem dúvidas e até concorda que a escola não detém a qualidade de conhecimentos ligados à sexualidade e que não substitui as experiências acumuladas ao longo da vida.

A educação sexual se distingue da orientação sexual, pois diz respeito ao aprendizado informal sobre sexualidade que se recebe ao longo da vida, ou seja, as noções de moral, de gênero, suas probabilidades

sexuais, enfim, todos os conceitos e convenções utilizados pela família e sociedade, de maneira geral, para “bombardear” o indivíduo, desde o nascimento até a morte. Por outro lado, a orientação sexual diz respeito ao conhecimento gerado dentro da escola, sendo este sistematizado e formal.¹³

A família e os amigos não podem ser ignorados quando se trata de sexualidade, porém, é preciso considerar que eles não promovem orientação sexual que estimule a reflexão de noções e atitudes, o que leva os jovens a buscarem o apoio das escolas e unidades de saúde, como meios de dissipar dúvidas, anseios e culpas, aprendendo, portanto, a desenvolver, viver e sentir sua sexualidade de forma plena.¹⁷ Uma vez que a sexualidade é formada ao longo da vida, sofre influência da história, da família, da sociedade, da mídia, da religião, dos sentimentos individuais. Por isso, tem a característica de ser singular em cada sujeito.

Portanto, a orientação sexual deve levar em conta os parâmetros biológicos, psíquicos e socioculturais, o que muitas vezes não ocorre, já que pais e educadores, quando abordam o assunto, o fazem com a postura biologicista, não fornecendo todos os outros elementos necessários ao desenvolvimento integral da criança e do jovem, como a afetividade, as relações interpessoais e o prazer.¹³

A missão da escola deve ser entendida em termos de complementação com o trabalho dos pais no plano de orientação sexual. Trata-se de colaboração da instituição escolar, que tem como missão acrescentar informações à educação transmitida no lar, promovendo parcerias entre escola e família. É necessário buscar técnicas de abordagem adequadas que estimulem o interesse dos alunos, utilizando práticas pedagógicas que interajam com a construção do conhecimento e pensamento crítico para mudanças de comportamento, proporcionando exposição de ideias, conceitos e experiências, sem medo de qualquer julgamento.¹⁸

Quanto à questão se somente os professores de biologia possuíam a responsabilidade na orientação sexual, 36 (33,6%) estudantes discordaram totalmente; 51 (47,6%) discordaram; 10 (9,3%) nem concordaram e nem discordaram; 08 (7,4%) concordaram e, apenas 2 (1,8%) concordaram totalmente.

A orientação sexual é de responsabilidade de profissionais da educação e da saúde em

seu contexto geral, devendo ser desenvolvidas ações de prevenção e estratégias de promoção à saúde que visem ampliar o conhecimento de crianças e jovens sobre os conceitos de sexualidade, a diversidade e saúde sexual, o respeito a si e ao próximo, afetividade, enfim, sobre todos os pontos que compõem o universo da sexualidade.⁴

A escola tem caráter dinâmico e abrange assuntos de diversas ordens que, muitas vezes, direta ou indiretamente, são incorporadas sem qualquer planejamento e depois permanecem gerando conflitos sem receber mais atenção, a não ser em casos extremos. Todavia, entre os educadores existe o interesse na resolução de tais conflitos, porém, não há estrutura física, pedagógica ou mesmo psicológica, para se debater o tema.¹³

A exposição sobre a sexualidade no âmbito escolar tem que ocorrer em coletividade, não desviando também o individual, que caracteriza a abordagem do profissional educador com trabalhos e pesquisas elaborados de acordo com possibilidades de atuação, em conjunto com o grupo de alunos, com o objetivo de trazer ideias positivas em relação à orientação sexual. Assim, o professor tem a possibilidade de ouvir e compreender os alunos, com questionamentos que irão surgir no decorrer do ensino, para uma melhor compreensão das discussões propostas.¹⁹

Porém, ainda perdura a abordagem biológica e heterossexista no ensino referente à sexualidade. A orientação sexual ainda gera insegurança nos professores, que delegam essa responsabilidade a especialistas convidados, como médicos ou enfermeiros.¹⁹

Segundo o que consta dos PCNs, a sexualidade possui como principal característica um caráter multidisciplinar. Assim sendo, todas as disciplinas comportam contribuições no processo de desenvolvimento dos estudos, como a biologia, a história, a sociologia, a antropologia, a psicologia, a economia, dentre outras. É importante reiterar que deve haver metodologia permanente e participava, por meio de dinâmicas de grupo, debates, uso de materiais didáticos que estimulem a discussão de valores sociais e individuais.²

Quando questionados se a orientação sexual deveria ser uma das áreas obrigatórias em todas as escolas, 16 (14,9%) estudantes discordaram, o que representa baixo índice de rejeição quanto à implantação da orientação sexual nas escolas. Em contrapartida, 23

(21,4%) nem discordaram e nem concordaram, 53 (49,5%) dos participantes concordaram e 15 (14,%) concordaram totalmente.

Estudo realizado com alunos da quinta série do ensino fundamental até a terceira série do ensino médio de uma escola estadual de Florianópolis, que receberam orientação continuada, esclarecendo as dúvidas sobre diversos aspectos da sexualidade, descreve como principais resultados: a redução do número de meninas que engravidam; a diminuição do nível de agressividade dos educandos, provavelmente pela oportunidade de expressão e participação maior no processo de aprendizagem; a diminuição da repressão verbal pelo não uso da caixa de segredos, já que houve maior liberdade para um diálogo aberto.²⁰

Desenvolver estratégias que visem tratar sobre sexualidade possibilita aos estudantes a oportunidade de se tornarem adultos mais preparados, que saibam defender seus direitos e desenvolver seus deveres, inclusive quando se trata de aspectos relacionados à atividade sexual. É de suma importância que os educadores busquem e empreguem metodologias adequadas que deixem os alunos instigados a discutir tal temática, a fim de alcançar o conhecimento mais amplo e diversificado.¹⁹

Ainda assim, sabe-se que a escola apresenta dificuldades para abordar este tema e, mesmo sabendo da importância dos professores quanto ao processo de aprendizagem, não é surpresa o fato deles não estarem totalmente preparados para tal tarefa, pois não sabem como trabalhá-lo, porque, provavelmente, durante sua própria escolaridade, também não receberam esse tipo de orientação de seus mestres, inclusive no ensino superior, nos cursos de licenciatura que não possuem disciplina exclusiva que discuta sobre a sexualidade.

Entretanto, muitas vezes, mesmo os professores tendo conhecimentos e vontade de articular o assunto, faltam-lhes apoio ou incentivo da política governamental ou mesmo da escola, que não propicia condições para a sua realização. Por conseguinte, na maioria das vezes, os professores acabam reprimindo seus alunos quando as questões sexuais surgem em sala de aula.

Quando questionados se as ações de orientação sexual nas escolas eram um meio muito eficaz de prevenção de DSTs, 53 (49,5%) concordaram; 46 (42,9%) concordaram totalmente com o exposto, e 05 (4,6%) nem concordaram e nem discordaram. Ressalta-se

que o índice de reprovação foi baixo, já que 02 (1,8%) discordaram e apenas 1 (0,9%) discordou totalmente, o que demonstra que os estudantes possuem consciência de que a escola, quando desempenha seu papel de educadora, pode influenciar positivamente nas atitudes de crianças e jovens quanto à sexualidade.

Segundo o Relatório de Progresso do Brasil 2008-2009 com relação às metas estipuladas pela UNGASS - HIV/AIDS (sigla em inglês para Sessão Especial da Assembleia-Geral das Nações Unidas que tem, dentre outros objetivos: a promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes e jovens; a redução da infecção pelo HIV/AIDS e da evasão escolar devido à gravidez precoce; a maior participação de jovens na formulação e execução de políticas públicas de prevenção à DSTs; o estímulo à cultura de prevenção nas escolas), 63% das instituições de ensino trabalharam em 2007 com o tema DST; proporção maior que em 2005, quando o percentual girava em torno de 60%. Notou-se também um aumento do número de escolas que distribuíram preservativos, que eram 5,7% em 2005 e 7,9% em 2007.²¹

O Relatório ainda aponta que o SPE é referência para as ações de prevenção de DSTs, no ambiente escolar, tanto que houve importante ampliação com a criação do Programa Saúde nas Escolas (PSE) em 2007, promovendo uma aliança entre as instituições de saúde e as escolares.²¹

É preciso considerar que a orientação sexual tem o propósito de prevenção de DSTs, já que não garante apenas a qualidade de vida, mas é imprescindível nas relações sociais, econômicas e culturais, que são peças-chave no desenvolvimento do caráter e das atitudes que envolvem a saúde sexual. Destarte, a falta de informação é caracterizada como principal responsável nesse processo, deixando as pessoas mais vulneráveis a adquirir DSTs.¹¹ Porém, para que os programas de orientação sexual tenham efeitos positivos sobre o comportamento sexual de crianças e jovens é preciso respeitar seus conhecimentos prévios, além de deliberar sobre as ações educativas utilizadas por educadores e se elas são fundamentadas na ética e no holismo.²²

Quando indagados se as ações realizadas nas escolas acerca da orientação sexual constituía meio capaz de prevenir o recurso do aborto, 1,8% (somente 2 entrevistados) discordaram totalmente; 9,3%, (10 participantes, apenas) discordaram; 11,2% (12) nem concordaram e nem discordaram;

53,2% (57) concordaram e 24,2% (26) concordaram totalmente.

De acordo com os PCNs, o tema - aborto - deve ser abrangido no meio escolar, por se tratar de um assunto polêmico, que envolve discussões em relação: ao seu significado; aos sentimentos atrelados ao ato sexual; aos problemas de saúde pública oriundos da prática clandestina desse recurso; às denominações favoráveis ao direito da mulher sobre seu corpo (a legislação do Brasil permite o aborto apenas quando a gravidez decorre de estupro ou gere risco a vida da mãe e em caso de bebês anencéfalos); às correntes que defendem os direitos do feto, além, evidentemente, das questões sociais e religiosas que cercam o evento.²

É interessante observar que a mesma sociedade que discrimina o recurso do aborto acaba por incentivar sua prática, pois, comumente, a razão que leva a mulher a buscar essa saída é justamente a pressão psicológica proveniente do meio social no qual ela está inserida. Segundo estudo, mulheres solteiras, que sofreram violência sexual, incesto ou adultério e, ainda as que já têm filhos adultos ou têm um número de filhos considerado adequado aos seus limites econômicos, são exemplos de mulheres que podem conceber gestações, do ponto de vista social, consideradas indesejáveis e que, portanto, encontram no aborto provocado, meio de fugir da hostilização sofrida ou sofrível dentro da trama escolar, familiar e sociocomunitária.²³

Nesse contexto, a escolaridade tem sido assinalada em diversas pesquisas como diferencial positivo em relação aos comportamentos reprodutivos da população. Dessa maneira, a orientação sexual nas escolas deve ser realizada por meio de panorama livre de conceitos sexistas e homofóbicos. Com efeito, o acesso a essa orientação é necessário, pois garante aos jovens a possibilidade de maior controle e respeito sobre seus corpos e o uso de contraceptivos, precavendo a prática do aborto e de outros tipos de violência.²⁴

Quando foram questionados se era aos pais e não à escola que competia à orientação sexual das crianças e jovens, 11 (10,2%) entrevistados discordaram totalmente; 41 (38,3%) discordaram; 42 (39,2%) nem discordaram e nem concordaram; 9 (8,4%) concordaram, e apenas 4 (3,7%) concordaram totalmente. É interessante observar que (39,2%) dos estudantes demonstrou não ter opinião formada sobre o questionamento

proposto, o que pode indicar certa perplexidade diante da polêmica exposta.

A família se trata da base de desenvolvimento humano; é responsável pelas primeiras intervenções sociais e, assim, tem influência sobre a sexualidade ao longo da vida. Contudo, a interação familiar, relacionada às questões sexuais, ainda é restrita, devido, principalmente, ao constrangimento e à timidez, tanto de filhos, quanto de pais, que acreditam que “a conversa” pode induzir crianças e jovens ao início precoce da atividade sexual. Outro motivo para o silêncio são as crenças e costumes que permeiam o imaginário das pessoas, influenciando sobre seus comportamentos. Assim, a escola fornece ambiente favorável, considerado ideal, pois engloba grupos de diversas culturas, para o compartilhamento de conhecimentos, inclusive, os saberes voltados para o exercício da sexualidade.¹¹

A dificuldade da família, em atuar exclusivamente como educadora para as questões sexuais, se relaciona ao fato dela ainda não está preparada para discutir o tema. Muitas vezes agindo de forma incoerente e inadequada. Em muitos casos, os próprios pais são inseguros sobre sua própria sexualidade, portanto, não se sentem à vontade para dialogar com os filhos. Assim, o grupo familiar precisa ser integrado ao processo de orientação sexual, aumentando seus conhecimentos sobre a sexualidade, tornando-se elemento cooperador da escola.⁵

Pesquisa realizada em São Paulo, com 383 jovens de 15 a 19 anos, revelou que os adolescentes buscavam informações sobre sexo com os amigos, porém as dúvidas sobre prevenção de gravidez eram mais abordadas junto aos pais, enquanto que os esclarecimentos sobre DSTs ficavam a cargo dos professores e profissionais da saúde. Segundo as responsáveis pelo estudo, essa “rede sociofamiliar” precisa ser vista como alicerce dos projetos de saúde e educação de jovens. Tais projetos devem ser estrategicamente adaptados ao contexto de crianças e jovens, compreendendo não apenas professores e profissionais de saúde, mas também pais e outros membros da família.²⁵

Falar sobre sexualidade ainda é um tabu para pais e mães, uma vez que eles geralmente não detêm conhecimentos, tampouco atitude para tal propósito. Portanto, a escola deveria agir, ampliando a compreensão do tema além do que é proposto pela sociedade.¹⁰ O trabalho com os alunos possibilita a reflexão sobre em que estão

pautadas as relações entre seres humanos, que, invariavelmente, remetem à sexualidade. Todavia, não se pode desconsiderar o conhecimento adquirido previamente pelos alunos, inclusive o que é disponibilizado no contexto familiar. É preciso haver sinergia entre escola e família, gerando debates tranquilos e ações conjuntas.²⁶

Quando os participantes foram questionados acerca da orientação sexual nas escolas ser pouco necessária, em função de todas as informações disponibilizadas nas revistas e na televisão, 67 (62,6%) discordaram; 17 (15,8%) discordaram totalmente; 11 (10,2%) concordaram; 11 (10,2%) nem concordaram e nem discordaram e apenas 1 (0,9%) concordou totalmente.

É notório que a grande maioria dos futuros pedagogos, possivelmente, acredita que a escola ainda mantém seu papel de principal educadora para as questões que envolvam a sexualidade, embora se tenha observado que alguns dos pesquisados possuíam dúvidas e até concordaram com a situação proposta. Esse fato evidencia o quanto os recursos midiáticos exercem influência sobre os comportamentos e maneiras de pensar, embora seja preciso reiterar que esses recursos não devem substituir, mas complementar, na medida do possível, os ensinamentos propostos pelas instituições de ensino que oferecem programa de orientação sexual, promovendo o estímulo à reflexão crítica sobre o que é apresentado pela mídia.

Nos dias atuais, os meios de comunicação de massa, principalmente os televisivos, vêm discutindo certos aspectos da sexualidade de forma equivocada e distorcida, principalmente as questões de saúde sexual, papéis de gênero e homossexualidade, o que fornece estímulos à curiosidade e às fantasias de crianças e jovens que, por vezes, consomem informações errôneas e sem qualquer análise crítica a respeito deste assunto.²

Um aspecto importante a ser tratado é a questão da banalização do corpo, proposta pela mídia, que por sua vez estimula a transformação da pessoa em objeto. A mídia proporciona precocidade às crianças e jovens, tornando-lhes “miniadultos”, além de promover a transformação em “objetos sexuais”.²⁶

Novelas, cinema, publicidade, programas de auditório, revistas e até os “ingênuos” desenhos animados frequentemente discutem e abordam a diversidade sexual e de gênero em suas pautas. Entretanto, essa “excessiva

discursividade” dos meios de comunicação nem sempre garante diminuição do sexismo e da homofobia. Se por um lado a mídia mostra maneiras diversificadas de viver a sexualidade, obrigando as instituições de ensino a proporem revisão e atualização de seu ensino regular, por outro lado também incita a expressão de grupos conservadores.²⁷

Todo o complexo processo de construção da sexualidade de um indivíduo se dá ao longo de toda sua vida, por meio de ensinamentos ou experiências. Esse processo sofre interferência da sociedade, da família, da cultura, e, hoje em dia, principalmente, da mídia em suas mais variadas facetas (televisão, publicidade, internet, músicas, coreografias). É inegável o quão significativa é a interferência dos meios midiáticos no desenvolvimento da sexualidade de crianças e jovens.²⁸

Quando os estudantes foram questionados se a responsabilidade da orientação sexual nas escolas deveria ser de todos os professores, 42 (39,2%) concordaram; 29 (27,1%) nem concordaram e nem discordaram; 18 (16,8%) discordaram; 14 (13%) concordaram totalmente, e 4 (3,7%) discordaram totalmente da situação proposta no questionário.

Embora a maioria dos estudantes concordasse que a orientação sexual deveria ser realizada por todos os professores, o percentual dos que possuíam dúvidas e discordância foi significativo. Isso demonstra que os estudantes sabem da importância do envolvimento dos professores na realização de atividades relacionadas à sexualidade independente da disciplina que ministram, pois se trata de um tema transversal. Porém, é necessário sinalizar para a visão de número considerável de pesquisados, que consideram a orientação sexual como tema restrito a determinados professores e que somente deve ser abordado em certas disciplinas.

A sexualidade é passível de ser ministrada em qualquer disciplina, por todos os educadores, mas é necessário ressaltar que esses profissionais precisam ser capacitados para discutirem os assuntos de forma ética e respeitosa, sem juízo de valor e preconceitos e exposição de suas crenças, para que o processo de orientação seja de fato correto, livre e não limitado apenas aos conteúdos tradicionais presentes dos livros de biologia, que reduzem a sexualidade à anatomia, fisiologia reprodutiva e prevenção de DSTs.²⁹

É atribuída à escola a função de propor reflexões acerca dos assuntos relacionados à

sexualidade, sem excluir o que foi transmitido ao aluno pela família e pela sociedade, mas agregando o conhecimento formal e sistematizado que exige planejamento dos educadores. A implementação da orientação sexual nas escolas deverá ser feita multidisciplinarmente, sendo discutida por todos os professores, de acordo com a proposta de trabalho e a realidade da escola.²

É importante, nesse sentido, destacar que os professores tenham interesse pelo tema, pois muitas vezes não se sentem à vontade diante das discussões e impô-las como obrigatoriedade pode ser prejudicial ao sucesso do projeto.

Por fim, precisa-se considerar que a introdução deste tema na escola, bem como sua transversalização, mesmo tendo caráter oficial regido pela política de educação do país, ainda não ocorre de forma legítima e contínua na práxis pedagógica, pois há grupos que defendem as discussões nas escolas e grupos que receiam quanto ao papel delas na orientação sexual dos alunos.³⁰

CONCLUSÃO

A realização deste estudo pode demonstrar as opiniões dos estudantes do curso de graduação em pedagogia de uma IES sobre a orientação sexual escolar.

Assim, observou-se, diante da análise dos dados, que a grande maioria dos futuros pedagogos concordou que a orientação sexual nas escolas foi importante para crianças e jovens e que, portanto, deveria ser obrigatória na escola.

Além disso, foi possível identificar que os estudantes discordaram que as discussões sobre sexualidade na escola estimulavam os comportamentos sexuais precoces entre crianças e jovens.

Não atribuíram apenas à família e aos professores de biologia a responsabilidade de discutir a sexualidade na escola, que, por seu caráter transversal, é passível de ser ministrada por todos os educadores.

Consideraram que a orientação sexual nas escolas correspondia a um instrumento eficaz na prevenção de DSTs, além de evitar o aborto, e discordaram que as informações disponibilizadas pelos recursos midiáticos pudessem - de alguma forma - usurpar o papel das instituições de ensino no processo de construção e orientação da sexualidade de seus componentes.

Diante do exposto, considerando a sexualidade como parte indissociável do ser

humano e levando-se em conta que crianças e jovens não são seres assexuados, conclui-se que os estudantes consideraram a escola como um local propício para as discussões sobre sexualidade em seus mais diversos aspectos.

REFERENCIAS

1. Ramalho MJPF. Avaliação das representações sociais sobre uma experiência de Educação para a Saúde em contexto escolar [dissertation]. Braga (PT): Universidade do Minho; 2009.
2. Ministério da Educação (Brasil). Secretaria de Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas transversais - Orientação sexual: Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1998.
3. Ministério da Educação (Brasil). Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2007.
4. Teixeira RMS de A. Educação para a saúde sexual em meio escolar: manual para professores [dissertation]. Porto (PT): Universidade do Porto; 2011.
5. Bonfim CRS. Educação sexual: contradições, limites e possibilidades. Filosofia e Educação [Internet]. 2010 Oct-Mar [cited 2012 Jan 24]; 2(2): 406-423. Available from: <http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/rfe/article/view/2127/2017>
6. Parker R, Wellings K, Lazarus JV. Sexuality education in Europe: An overview of current policies. Sex educ. 2009 Aug 9(3):227-42. doi:10.1080/14681810903059060.
7. Ministério da Saúde (Brasil). Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Resolução nº 196/96. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.
8. Reis MH, Vilar D. Validity of a scale to measure teachers' attitudes towards sex education. Sex educ. 2006 May 6(2):185-92. doi: 10.1080/14681810600578834.
9. Nunes CA. Política, sexualidade e educação. Filosofia e Educação [Internet]. 2011 Oct-Mar [cited 2012 May 22]; 3(2): 4-17. Available from: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/rfe/article/view/2957/2626>
10. Almeida SA, Nogueira JA, Silva AO, Torres GV. Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? Rev gaúch enferm [Internet]. 2011 Mar [cited 2011 May 24]; 32(1):107-13. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v32n1/a14v32n1.pdf>
11. Fonseca AD, Gomes VL de O, Teixeira KC. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos(as) de enfermagem. Esc Anna Nery Rev Enferm [Internet]. 2010 Apr-Jun [cited 2012 Jan 16]; 14(2): 330-337. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n2/16.pdf>
12. Figueiredo AOG, Melo ACS, Silva CV, Mota GPF, Oliveira JCC, Costa MGA. A influência televisiva como desencadeadora da erotização infantil na contemporaneidade (3-5 anos). Pedagogia em Ação [Internet]. 2009 Aug-Nov [cited 2012 May 22]; 1(2): 1-122. Available from: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/1084/1132>
13. Verussa ACC, Coan CM. O trabalho sobre sexualidade nas escolas municipais de Campo Mourão - PR na concepção dos gestores educacionais. Rev Educ IDEAU [Internet]. 2011 Jul-Dec [cited 2012 Jan 03]; 6(14). Available from: http://www.ideau.com.br/upload/artigos/art_153.pdf
14. Bozon M, Heilborn ML. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In: Heilborn ML, Aquino EML, Bozon M, Knauth DR. O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz; 2006. p.155-205.
15. Paiva V, Calazans G, Venturi G, Dias R. Age and condom use at first sexual intercourse of Brazilian adolescents. Jornal of public health [Internet]. 2008 [cited 2012 Jan 16]; 42(Supl 1): 45-53. Available from: http://www.scielo.br/pdf/rsp/v42s1/en_07.pdf
16. Holanda ML de, Frota MA, Machado MFAS, Vieira NFC. O professor na educação sexual de adolescentes. Cogitare enferm [Internet]. 2010 Oct-Decr [cited 2012 Jan 03]; 15(4): 702-8. Available from: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/20371/13540>
17. Barbosa SM, Dias FLA, Pinheiro AKB, Pinheiro PNC, Vieira NFC. Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescente na prevenção as DST/AIDS. Rev eletrônica enferm [Internet]. 2010 [cited 2011 Sep 30]; 12(2): 337-41. Available from: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/ar>

<http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n2/17.pdf>

18. Freitas KR, Dias SMZ. Percepções dos adolescentes sobre sua sexualidade. Texto & contexto enferm [Internet]. 2010 Apr-Jun [cited 2011 Sep 30]; 19(2):351-357. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n2/17.pdf>

19. Moizes JS, Bueno SMV. Understanding sexuality and sex in schools according to primary education teachers. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2010 [cited 2012 Jan 23]; 44(1):205-212. Available from:

http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/en_a29v44n1.pdf

20. Andaló CSA. Um trabalho sobre sexualidade na escola pública. Rev bras sex hum [Internet]. 1995 Jul-Dec [cited 2011 Sep 30]; 6(2):151-159. Available from:

http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/pdf/volumes/volume6_2.pdf#page=7

21. Ministério da Saúde (Brasil). Secretária de Vigilância em Saúde. Metas e Compromissos assumidos pelos Estados-Membros na Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre HIV/Aids - UNGASS: Relatório de Progresso do País 2008-2009. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

22. Viana FJM, Faúndes A, Mello MB, Souza MH de. Factors associated with safe sex among public school students in Minas Gerais, Brazil. Cad saúde pública [Internet]. 2007 Jan [cited 2012 Jan 27]; 23(1):43-51. Available from:

<http://www.scielo.org/pdf/csp/v23n1/05.pdf>

23. Silva RS. O impacto do aborto ilegal na saúde reprodutiva: sugestões para melhorar a qualidade do dado básico e viabilizar essa análise. Saúde soc [Internet]. 1997 [cited 2011 Sep 30]; 6(1):53-75. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v6n1/05.pdf>

24. Menezes G, Aquino EML. Pesquisa sobre o aborto no Brasil: avanços e desafios para o campo da saúde coletiva. In: Rocha MIB, Barbosa RM, organizadoras. Aborto no Brasil e países do Cone Sul: panorama da situação e dos estudos acadêmicos. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2009. p.119-154.

25. Borges ALV, Nichiata LYI, Schor N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. Rev latinoam enferm [Internet]. 2006 May-Jun [cited 2011 May 24]; 14(3):422-7. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n3/v14n3a17.pdf>

26. Onyeonoro UU, Oshi DC, Ndimele EC, Chuku NC, Onyemuchara IL, Ezekwere SC, et al. Sources of Sex Information and its Effects on Sexual Practices among In-school Female Adolescents in Osisioma Ngwa LGA, South East Nigeria. J Pediatr Adolesc Gynecol. 2011 Oct; 24(5):294-9. PubMed PMID: 21763163.

27. Dinis NF. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. Cad CEDES [Internet]. 2008 May-Aug [cited 2011 May 26]; 29(103):477-492. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/09.pdf>

28. Strasburger VC, Jordan AB, Donnerstein E. Health effects of media on children and adolescents. Pediatrics [Internet]. 2010 Apr 1 [acesso em 2012 May 21]; 125(4):756-67. Available from:

<http://www.pediatricsdigest.mobi/content/125/4/756.full.pdf+html>

29. Woo GW, Soon R, Thomas Jm, Kaneshiro B. Factors affecting sex education in the school system. J Pediatr Adolesc Gynecol [Internet]. 2011 Jun [cited 2012 May 21]; 24(3):142-46. Available from:

<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1083318810003748>

30. Almeida SA de, Nogueira J de A, Lacerda SNB, Torres GV. Sexual orientation in school context: official speech versus pedagogic quotidian. Rev enferm UFPE on line [Internet]. 2010 Nov-Dec [cited 2012 Jan 14]; 4(4): 1850-856. Available from:

<http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/1389>

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2012/02/09

Last received: 2012/06/28

Accepted: 2012/06/29

Publishing: 2012/07/01

Corresponding Address

André Estevam Jaques
Praça Mascarenhas de Moraes, 4282
CEP: 87505-210 – Umuarama (PR), Brazil